

ANAIS DA II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
PARINTINS - 2018

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
latinitates.weebly.com
facebook.com/latinitates

Arte da capa: Thiago Godinho
ISBN: 978-85-7883-473-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2018

ESTUDOS CLÁSSICOS



O CONCEITO DE BELEZA EM “HIPIAS MAIOR” DE PLATÃO

José Valdir Souza de Castro [UFAM]
Franklin Roosevelt Martins de Castro [CESP-UEA]

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar o conceito aporético de beleza na obra “Hípias Maior” de Platão. O belo, o bem e o verdadeiro são conceitos que se inter-relacionam e se assemelham no corpus platônico. O filósofo das ideias tece considerações sobre a estética em outras obras como: “A República”, “Ion”, “O Banquete” e “Fedro”, mas é em “Hípias Maior” que a reflexão acerca do que é a beleza torna-se uma investigação não conclusiva, pois os interlocutores Sócrates e Hípias não chegam a uma resposta definitiva; portanto, é um diálogo que termina em uma *aporia*.

Palavras-chave: Beleza. Hípias Maior. Platão. Aporia.

O tema da beleza é recorrente desde a antiguidade. A pergunta sobre o que é o belo não é apenas uma questão de estética ou de gosto, mas também é uma reflexão filosófica pois busca compreender a natureza e a essência do que torna as coisas belas. Assim o objetivo deste trabalho é compreender como o tema da beleza é abordado no livro “Hípias Maior” do grande pensador grego Platão.

A pergunta pelo belo também está presente em outras obras platônicas, tais como a “A República”, “Ion”, “O Banquete” e “Fedro”. Todavia, no diálogo “Hípias Maior” encontra-se uma aporia entre as reflexões de Sócrates e Hípias; ou seja, não se chega à uma síntese do que seja a beleza, como ocorre em outros livros de Platão. Este embaraço conceitual é importante pois coloca o conceito de

beleza em um movimento dialético não conclusivo, deixando que os leitores e os discípulos de Platão continuem seu diálogo para além do que foi escrito.

Para o autor de “A República”, o bem, a verdade, e beleza são um único ser; ou seja, se algo é bom é porque é verdadeiro, e se é verdadeiro é porque é belo. Assim, há uma profunda relação entre a ética, a metafísica e a estética, cada dimensão desta dedicando-se respectivamente ao bem, à verdade e à beleza.

Em *Hípias Maior* se relata o debate entre Sócrates e um dos sábios mais bem pagos dentre os sofistas da antiguidade, Hípias. É preciso entender que a função do sofista é argumentar e convencer os outros por meio do discurso. O interesse do sofista não é uma busca metafísica sobre a natureza das coisas ou a verdade de um conceito; mas agir por meio do discurso e da oratória. Desse modo, os sofistas são considerados ao mesmo tempo sábios e educadores dos jovens atenienses que devem ser inseridos na arte do discurso e do bem falar.

Sócrates é a figura que vai se contrapor aos sofistas, por considera-los enganadores e ilusionistas da verdade, uma vez que não teriam um comprometimento com um conceito universalmente válido. Portanto, travar um diálogo entre Sócrates e Hípias é ao mesmo mostrar a tensão entre os sofistas e os filósofos. Em “Hípias Maior” a “luta” dialógica é travada em torno da questão do Belo.

O sofista Hípias procura estabelecer a questão do que é belo a partir de dados particulares, e assim as questões sobre a beleza desembocam em um relativismo e em aporias. O fragmento a seguir coloca o cerne da discussão:

286 c VIII- (c) (...). Porém agora responde a uma perguntinha sobre isso mesmo, que em boa hora me fizeste lembrar. Recentemente, meu caro, alguém me pôs em grande apuro, numa discussão em que eu rejeitava determinadas coisas como feias e elogiava outras por serem belas, havendo me perguntado em tom sarcástico o interlocutor: Qual o critério, Sócrates, para (d) reconheceres o que é belo e o que é feio? Vejamos, poderás dizer-me o que seja o belo? – Com a ignorância que me é própria, fiquei atrapalhado e não pude encontrar resposta satisfatória. Ao retirar-me da reunião,

senti-me irritado e formulei censuras contra mim mesmo, tendo firmado propósito de, na primeira oportunidade, quando encontrasse um dos vossos sábios, ouvi-lo e instruir-me, e depois de bem estudado o assunto, voltar a procurar o meu interlocutor para reiniciarmos nosso debate. E eis que chegastes na (e) hora certa, como já disse. Explica-me com precisão o que é o belo e esforça-te por dar-me resposta tão exata quanto possível, para que eu não me cubra de ridículo com outra derrota. É fora de dúvida que conheces isso muito bem, matéria, aliás, de pequena relevância entre os inúmeros conhecimentos de que dispões. (PLATÃO, 1980).

A teoria das ideias de Platão fica bem nítida no fragmento “Qual o critério, Sócrates, para reconheceres o que é belo e o que é feio?”, em que há uma indagação de Hípias sobre o que é o belo e o que é o feio; ou seja, a ênfase no verbo “SER” indica que se está a procura do conceito, da natureza, daquilo que torna algo belo ou feio. A Teoria das ideias é justamente a busca pela essência das coisas por meio da dialética; ou melhor dizendo, por meio do diálogo lógico e racional.

Assim há a ideia como essência dos seres, como se percebe no trecho: “poderás dizer-me o que seja o belo?”. Observa-se que a pergunta também coloca em dúvida a capacidade de se conhecer algo, quando se coloca a modalização de hipótese em “poderás dizer-me...”. Logo, o desejo pelo conhecimento da essência também passa por uma questão epistemológica. Será possível conhecer algo? Como?

Outro aspecto relevante no diálogo é a ironia socrática, que está intimamente relacionada como a maiêutica, que é o método socrático em que se extrai a verdade e o conhecimento imanente no interlocutor, bem como, o aspecto epistemológico já exposto anteriormente, em que se problematiza possibilidade de se conhecer algo. A ironia está explícita no final do fragmento apresentado anteriormente: “[...]Explica-me com precisão o que é o belo e esforça-te por dar-me resposta tão exata quanto possível, para que eu não me cubra de ridículo com outra derrota. [...]”.

A diferença fundamental entre Sócrates e Hípias é que o filósofo está interessado na essência que é conceitual e universal;

enquanto o sofista está preocupado com o poder do discurso e do convencimento a partir de exemplos particulares e circunstanciais.

287e **Hípias** – Como assim, Sócrates? O autor dessa pergunta deseja saber o que é belo?

Sócrates – Penso que não, Hípias; porém o que seja o belo.

Hípias – E em que consiste a diferença?

Sócrates – Achas que não há diferença?

Hípias – Nenhuma.

Sócrates – É certeza saberes melhor. Mas presta atenção, amigo. Ele não te perguntou o que é belo, porém o que é o belo (PLATÃO, 1980).

Fica claro na verbalização de Sócrates que há uma grande diferença entre o que é belo, e o que é o belo. Basta dar atenção a uso do artigo “O” diante de belo, pois o que é belo é algo particular. Uma moça é bela; um poema é belo e assim por diante. Todavia, o que é “o belo”, já é outra questão epistemológica, pois se indaga a respeito da própria essência da beleza. Aquilo que torna possível algo ser belo, ou seja, uma moça é bela, e um poema é belo, porque tanto a moça e poema estão contidos na essência da beleza.

O Belo no *Hípias Maior*, já não pode ser definido simplesmente como coisas sensíveis, “uma bela jovem [286e – 289d], ou o ouro [289d – 291c]”, mas, como algo *abstrato*, como aquilo, ou o motivo pelo qual todas as coisas belas são belas, a causa da presença desse Belo inabalável. Este é o grande argumento de Sócrates e o posicionamento dos filósofos. Enquanto Platão aponta para a abstração, o universal, o conceito e a verdade; os sofistas dão destaque ao concreto, a útil, ao particular, e ao poder da palavra.

E é nestes termos da essência e do universal que o filósofo tece seu argumento: “(288a10): SÓCRATES: Todas estas coisas a que atribuis beleza não serão justamente belas porque existe um belo em si? “Se belo é uma bela jovem, claro que existe *isso mesmo* que a essas coisas confere beleza.” (PLATÃO, 1980).

Ainda que haja uma tendência para se aceitar os argumentos de Sócrates, o diálogo com Hípias não chega à uma conclusão ou síntese sobre o que é a beleza. Ao contrário, o diálogo se encerra com uma aporia “o que é belo é difícil” (*χαλεπὰ τὰ καλὰ*) (304e8). A tensão pode ser compreendida em seu aspecto epistemológico, ou

seja, pela dificuldade de se apreender o que é o belo; como também pode ser vista a partir de uma ironia, em que Sócrates depois de ter apresentado exaustivamente seus argumentos ironiza Hípias em sua sabedoria sofista, deixando transparecer que fora derrotado pelo sábio grego.

De todo modo, há uma aporia que inquieta os leitores do diálogo e põe em movimento a dialética dos conceitos, envolvendo de certo modo os leitores para que tirem suas conclusões e se posicionem frente às exposições argumentativas.

A relevância deste diálogo é perceber como o movimento dialético apresenta e problematiza questões pertinentes à vida cotidiana, como em falar sobre uma moça bela, um belo poema ou ainda uma bela ação. Esta abertura é profundamente contemporânea sobretudo quando de coloca as questões de diversidade cultural, democracia, relações de poder e gostos subjetivos. Em uma sociedade do século XXI, profundamente marcada pelas diferenças e multiplicidade de ideias e opiniões. O “Hípias Maior” vem convidar para a temática das discussões e do diálogo, não somente em torno da beleza, mas pertinente à temas quanto ao que é a vida, o que é o amor, o que é ético e assim por diante.

Percebe-se neste diálogo platônico que a beleza é um tema complexo e de difícil definição, embora esteja presente nos vários aspectos da vida do homem, seja da antiguidade grega, seja em nossa contemporaneidade. E por mais que se julgue o tema da beleza uma mera questão estética, ela é atravessada pelas relações econômicas, ideológicas, históricas e relações de poder; pois se há o julgamento de que algo é belo ou possui beleza, deve-se continuar indagando: belo para quem? Quem disse que é belo? Por que é belo? Como isto é belo? Questões que parecem estar mais próximas de Hípias que de Sócrates. Portanto, a aporia sobre a beleza é contemporânea e muito há o que se dialogar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias

Goldschmidt (2010). **Os diálogos de Platão**: estrutura e método dialético. Edicoes Loyola, São Paulo.

Platão (1980). **Hípias Maior**. Ed. Universidade Federal do Pará.

G. Reale (2007). **Platão**. Edições Loyola, São Paulo, 2007.

F. Trabattoni (2010). **PLATÃO**. (Coleção Archaí, vol. 2). São Paulo, Annablume, 2010.

Fontes secundárias

M. Perine (org.) (2009). **Estudos Platonicos: Sobre o ser e o aparecer; o belo e o bem**. Edicoes Loyola, Sao Paulo.

J. T. Santos (2012). **Platao: a construcao do conhecimento**. Paulus, Sao Paulo.

H. C. L. Vaz. (2011). **Platonica**. Edicoes Loyola, Sao Paulo.